

## O tempo retorna

### *Time returns*

FERNANDA LOPES DE FREITAS

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

<[fernanda.freitas.001@acad.pucrs.br](mailto:fernanda.freitas.001@acad.pucrs.br)>



MAFFESOLI, Michel.

*O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade.*

Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

**O***tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade* é o livro lançado, mais recentemente, pelo filósofo Michel Maffesoli, pela Editora Forense. A obra propõe revisar e lançar comportamentos e características cotidianas, as quais nos encaminham à sociedade pós-moderna. Ela divide-se em oito partes: *O Envolvimentismo Pós-Moderno; A Altura do Cotidiano; Climatologia; O Desapossamento Tribal; Invaginação do Sentido; O Instinto Nômade; Arcaísmos e Tecnologia; Imaginário. Imaginal.* O autor, assim, discorre através de paralelos e paradoxos sobre a sua hipótese de que a crise financeira não passa de uma forma de saturação individual.

Percebemos em nossa sociedade que as mudanças comportamentais, culturais, e, conseqüentemente, comunicacionais permeiam nosso cotidiano de maneira quase irreversível. Do mesmo modo que temos a nítida impressão de que somos sujeitos portadores de individualidades triunfantes, temos a necessidade vital de estarmos inseridos em comunidades, em tribos, para nos sentirmos identificados com os outros, como lembra-nos Maffesoli.

A volta ao sentido fraternal presente nas comunidades parece emergir a partir da saturação do culto ao indivíduo. Assim, ao longo do texto, parece-nos quase natural o caminho que o autor percorre para aclarar as questões da pós-modernidade, principalmente quando o mesmo traça paralelos entre tempos passados e as situações atuais, como bem denomina o livro – o tempo retorna.

No primeiro capítulo, *O Envolvimentismo Pós-Moderno* (grifo do autor), Maffesoli retrata o envolvimento que na pós-modernidade envolve os sujeitos, mesmo que, para isso, haja um conformismo de pensamento. Não é de hoje que encontramos astros ou personalidades que, ainda que durante seus quinze minutos de fama, surgem como salvadores da pátria e criam regras de como agir. O autor nos lembra que desde sempre passamos por este tipo de situação, estimulando o conformismo de pensamento em nossa sociedade. E ainda aclara que “A economia, os movimentos sociais, o imaginário e até mesmo a política sofrem contragolpes de uma onda de maré cuja amplitude ainda não se consegue medir” (2012, p. 2), sendo este o mito do progresso que tanto nos obsedia.

Para este progresso, Maffesoli evidencia-nos que é necessária a mutação através da transmutação, ou seja, o ingresso só é possível a partir da regressão. Precisamos, na pós-modernidade, pensar em espiral com coragem e lucidez.

Em *A Altura do Quotidiano*, o filósofo discorre sobre acontecimentos históricos, ancorado nas ideias de outros pensadores como Durkheim, Galileu e Vico, a fim de

mostrar-nos a socialidade pós-moderna, sendo que sua primeira característica é o ressurgimento da vida cotidiana. Assim, a revolução é necessária, no sentido de voltar à origem. Sobre este retorno, podemos compreender que tem a ver com o que o autor evidencia-nos através da resiliência, bem como da necessidade de voltar à matriz.

Para Maffesoli, este retorno à matriz leva-nos ao espírito fraternal, à lei dos irmãos, como o mesmo denomina, sendo a partilha cotidiana o elemento central desta vinculação pós-moderna. Mais uma vez, a ideia que nos é remontada é a de que a crise econômica estimula esta solidariedade, encaminhando-nos, então, ao comunitário, ao tribal.

No capítulo intitulado de *Climatologia*, reforça o paralelo entre os fenômenos e componentes climáticos, com os sujeitos e seus comportamentos. O autor salienta-nos que: “A climatologia nos lembra que existe o ‘mais que um’ no ar, mais que o indivíduo. Este se inscreve em um *interser*. É determinado por um código *inter-relacional*” (2012, p. 41). Esta relação se dá em todo este capítulo, convergindo em um pacto emocional: onde há partilha das emoções comuns entre os sujeitos, há uma epidemia emocional, sendo as redes sociais o testemunho desta tendência. O filósofo (2012, p. 41) encerra esta ideia quando explica que: “As vibrações estão no ar dos tempos [...] vivemos numa verdadeira mudança climática e com certeza, temos uma cara de atmosfera”.

O *Desapossamento Tribal* é como o quarto capítulo está intitulado, sendo ele uma revisão sobre o aspecto tribal, a fragmentação do sujeito em prol da pluralidade de si mesmo, encaminhando-nos a uma identidade coletiva, pois, a partir daí, as tribos estabelecem seus elos entre os indivíduos. Para o autor, na pós-modernidade, a pessoa é plural a partir de um tribalismo emocional. Maffesoli esclarece que: “O mosaico societal seria, desde então, o ajuste dessas pequenas comunidades forjadas, pelas solidariedades do cotidiano, os usos e costumes da tribo, e os rituais específicos que tudo isso não deixa de estimular” (2012, p. 54). Mais uma vez, o que sentimos é o

cimento entre as ideias do livro, pois a solidariedade reflete, em seu sentido mais estritamente comunitário – tribal, que precisamos do outro para que possamos existir, para que possamos ter nossa própria identidade.

No capítulo *Invaginação do Sentido*, o filósofo nos traz a ideia do regresso, do retorno ao ventre, aos sentidos, ao sensível, tempo, no qual a força das coisas é irreprimível. Devemos pensar no humano, não somente enquanto cérebro, mas, sobretudo, enquanto corpo – daí a questão da importância da moda, dos rituais festivos, do *corporeísmo*. Ou seja, estamos em uma era na qual a barroquização do indivíduo e das coisas demarca nossa existência; temos a importância do material e do emocional concomitantemente formando o cimento social da tribo.

Em *Instinto Nômade*, temos uma reflexão sobre a volta do nomadismo, a partir das tribos, sendo esta uma característica essencialmente pós-moderna por ser arcaica em seu regresso. Mais do que nunca, temos a importância das regiões, do localismo, da comunidade; paradoxalmente, temos a criação das redes, não apenas as chamadas redes sociais, como também as de saberes, no caso, as universidades, e a circulação dos bens simbólicos. O autor (2012, p. 74) evidencia-nos que: “A partir de algumas *idades mundo*, a difusão do comércio é correlata à difusão da cultura. Não se deve esquecer a circulação dos conflitos ou das doenças que pode ser considerada como a parte obscura da troca civilizacional”. Este nomadismo nos leva ao sentido de relativismo e até mesmo de brevidade das ações, fato este que parece ser uma das principais características do instinto pós-moderno.

A pós-modernidade, segundo Maffesoli, é uma união ou a relação entre o arcaico e o tecnológico. Em *o Arcaísmo e a Tecnologia*, o autor discorre sobre este paradoxo que nos leva à progressividade. A partir da tecnologia estamos em um tempo de reencantamento do mundo, através das ciberculturas; como esclarece-nos o filósofo, temos a religação ao sentimento tribal. O mesmo evidencia-nos que: “O tempo fará a

triagem. Este é o relativismo induzido pela internet. Os avatares múltiplos, as tribos se reagrupando em torno de seus totens, a fragmentação dos saberes gera o mesmo número de manifestações” (2012, p. 102). Verificamos, desta forma, que, a partir do tribalismo arcaico e do reencantamento do mundo por meio dos aspectos tecnológicos, emerge a sociedade pós-moderna.

*Imaginário. Imaginal.* é o último aparte do livro, no qual Maffesoli traz como características essenciais da pós modernidade o cotidiano e o imaginário. Para o filósofo, o cotidiano é a capacidade de dizer sim à vida, é o solo em que cresce o poder de estar junto que é a sociedade. Quanto ao imaginário, este é o que permite a coesão do conjunto social. A imagem, por sua vez, surge como vetor da estética. Temos aqui um apelo emocional mais forte; há um pacto estético se sobrepondo ao nosso tempo devido às incursões das tecnologias em nossa vida, sendo o imaginário quase ou, sobretudo, um realismo no qual vivemos.

Desta forma, Maffesoli discorre em seu livro sobre as formas elementares da pós-modernidade, traçando paralelos e paradoxos sobre outras eras e cuja era estamos inseridos, permitindo que possamos compreender que, inegavelmente, *o tempo retorna.* ●

**Endereço da autora:**

Fernanda Lopes de Freitas <[fernanda.freitas.001@acad.pucrs.br](mailto:fernanda.freitas.001@acad.pucrs.br)>  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social  
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 7 – Partenon  
CEP 91530-000, Porto Alegre, RS, Brasil